

# Índice geral

Índice geral.....	17
Siglas e abreviaturas.....	20
Dedicatória	
Prefácio	
<i>In limine</i>	
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>21</b>
<b>I PARTE —Uma vida plena e peregrina.....</b>	<b>29</b>
Cap. 1 – Preâmbulo.....	31
Cap. 2 – Do nascimento à partida de Portugal (1517-1535).....	35
Cap. 3 – De Antuérpia até Ferrara (1535-1540).....	51
Cap. 4 – De Ferrara até Ragusa (1540-1556).....	83
Cap. 5 – Em Ragusa (1556-1599).....	119
Apêndice documental.....	126
Árvore genealógica da família Pires–Cohen.....	134
<b>II PARTE — A poesia e a didáctica: uma relação simbiótica.....</b>	<b>135</b>
Cap.1 – Da concepção de poeta e poesia na Antiguidade Clássica às origens da poesia didáctica.....	137
Cap. 2 – A poesia como instrumento pedagógico-didáctico.....	149
Cap. 3 – <i>Sententia</i> (γνῶμη) versus <i>proverbium</i> (παροιμία): definição e virtualidades..	163
Cap. 4 – Colectâneas de textos sentenciosos.....	171
1. Em língua grega.....	171
2. Em língua latina.....	184
Cap. 5 – As <i>Sententiae</i> de Publílio Siro e os <i>Disticha Catonis</i> : dois exemplos paradigmáticos.....	193
1. As <i>Sententiae</i> de Publílio Siro.....	193
2. Os <i>Disticha Catonis</i> .....	202

Cap. 6 – Colectâneas de textos sentenciosos: um breve olhar de Roma até ao Renascimento.....	219
Cap. 7 – Colectâneas de textos proverbiais e sentenciosos no Renascimento.....	225
1. A fortuna do modelo sentencioso.....	225
2. A abelha e o mel: da recolha à criação.....	234
3. O enunciado proverbial-sentencioso: teoria e prática da pedagogia humanista	246
4. Breve olhar sobre a edição de colectâneas de textos proverbiais-sentenciosos em português e castelhano.....	261
Cap. 8 – As colectâneas de textos proverbiais-sentenciosos em língua latina no Portugal de Quinhentos.....	271
1. Observação prévia.....	271
2. Os <i>Prouerbia</i> de Cataldo Parísio Sículo.....	272
3. André Rodrigues Eborensis.....	274
4. As <i>Sententiae</i> de Diogo de Teive.....	287
5. Jerónimo Cardoso e os <i>Adágios</i> de Erasmo.....	290
6. As colectâneas de Frei Luís de Granada.....	292
7. O <i>Cato Minor siue Disticha Moralia</i> de Diogo Pires.....	294
<b>III PARTE — O <i>Cato Minor siue Disticha Moralia</i> de Diogo Pires.....</b>	<b>297</b>
Cap. 1 – A génese da obra.....	299
Cap. 2 – As edições do <i>Cato Minor</i> .....	315
Cap. 3 – Descrição do conteúdo da obra.....	327
1. Em jeito de nota prévia.....	327
2. <i>Moralium distichorum libri III</i> .....	328
3. <i>Xenia ad Ianum Claudium ciuem Rhacusanum</i> .....	339
4. <i>Nomina Portugalliae regum et aliquot insignium urbium Hispaniae ad Andream Marini filium</i> .....	345
5. <i>Qui poetae et oratores imitatione digni ad Vessallum poetam</i> .....	347
6. <i>Quinque magnorum regum insignia ad Dominicum Rhanniam, patritium Rhacusanum</i> .....	348
7. <i>Dialogismus inter honestum adolescentem et pudicam uirginem ad</i>	

<i>Antonium Suarium</i> .....	349
8. <i>Epigrammatum partim moralium et partim non moralium libri III</i> .....	351
9. <i>Hendecasyllabi ad Antonium Riccobonnum uirum undecumque doctiss</i> .....	356
10. <i>Lyrice ad Aldum Mannuccium</i> .....	357
11. <i>Tumuli ad Reuerendum Maurum Abbatem Melitensem</i> .....	360
12. <i>Illustres familiae Rhacusanae</i> .....	362
Cap. 4 – Temas dominantes dos <i>Disticha Catonis</i> .....	365
1. Critérios de uma inventariação.....	365
2. Educação.....	367
3. Costumes e moral.....	378
a) Virtudes e vícios.....	378
b) <i>Est modus in rebus</i> .....	386
c) Verdade e aparência.....	391
4. A felicidade.....	395
a) A fortuna.....	395
b) A morte.....	404
5. A mulher e o amor.....	411
6. Religião.....	420
7. <i>Res publica</i> .....	428
a) A dimensão política: governantes e cidadãos.....	428
b) Justiça.....	435
c) Guerra e paz.....	444
Cap. 5 – O <i>Cato Minor</i> e a poesia didáctica.....	457
1. O didactismo do <i>Cato Minor</i> .....	457
2. Ruptura com a matriz da poesia didáctica.....	473
<b>CONCLUSÕES</b> .....	<b>491</b>
Bibliografia.....	499
A. Fontes.....	499
1. Manuscritas.....	499
2. Impressas.....	501
B. Estudos.....	510

Índice onomástico..... 533

## Siglas e abreviaturas

<b>AGR</b>	Archives Générales du Royaume, Bruxelas.....
<b>AHD</b>	Arquivo Histórico de Dubrovnik.....
<b>ASA</b>	Archivio di Stato di Ancona.....
<b>ASCDF</b>	Archivio della Sacra Congregazione per la Dottrina della Fede, Roma.....
<b>ASF</b>	Archivio di Stato di Ferrara.....
<b>ASM</b>	Archivio di Stato di Modena.....
<b>ASV</b>	Archivio di Stato di Venezia.....
<b>AUS</b>	Archivo Histórico de la Universidad de Salamanca.....
<b>BGUC</b>	Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.....
<b>BNP</b>	Biblioteca Nacional de Portugal.....
<b>BPE</b>	Biblioteca Pública de Évora.....
<b>IANTT</b>	Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo.....

Para os autores gregos, adoptaram-se as abreviaturas que constam de H. G. LIDDELL–R. SCOTT, *Greek-English Lexicon*. Oxford, Clarendon Press, <sup>9</sup>1996; para os autores latinos, as de P. G. W. GLARE, *Oxford Latin Dictionary*. Oxford, Clarendon Press, 1992. Nas citações dos livros bíblicos, utilizaram-se as abreviaturas estabelecidas por A.COLUNGA – L. TURRADO (eds.), *Biblia sacra iuxta vulgatam Clementinam*. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, <sup>7</sup>1985.



*IN MEMORIAM*

*Aron di Leoni Leone*

com quem aprendi a acompanhar de perto os tortuosos caminhos do desterro,  
trilhados pelos membros da Nação Portuguesa

## Prefácio

De Diogo Pires se pode dizer que foi, na mais plena acepção da palavra, um andarilho. “Judeu errante” lhe chamou Aquilino, com toda a propriedade. Évora, Salamanca, Antuérpia, Londres, Liège, Paris, Ferrara, Ancona, Ragusa (Dubrovnik), eis apenas alguns dos destinos que tocou no seu vaguear incessante. Não é fácil, pois, seguir-lhe a pista, mormente quando sobre o seu rasto tomba já a poeira de quatro séculos e meio.

António Andrade abalança-se, aqui, a essa tarefa, difícil e complexa, antes de dedicar a sua atenção ao tema que se propõe tratar e que é o centro das segunda e terceira partes deste livro: uma reflexão sobre a literatura de sentenças e a literatura didáctica, desde a antiguidade greco-latina até ao séc. XVI; e, enfim, um estudo de pormenor do *Cato Minor* de Diogo Pires.

Pensava o autor destas linhas, há meia dúzia de anos atrás, ser difícil ir mais longe do que até então se tinha ido no conhecimento deste cristão-novo português e poeta humanista. Depois do Prof. Costa Ramalho, esse grande Mestre e infatigável estudioso do Humanismo português, de Tommaso Chersa, de Djuro Körbler e do modesto contributo de quem este prefácio subscreve, a investigação parecia chegada a um beco sem saída. Perdia-se-lhe a pista, sempre, no emaranhado de vias e encruzilhadas de que se tece a história conturbada de Quinhentos. Pura ilusão!... António Andrade logrou, sem sombra de dúvida, ir mais além, com persistência, com eficácia e com êxito.

Utilizou, valha a verdade, um percurso diferente: seguiu os caminhos da diáspora judaica, para neles encontrar pegadas de Diogo Pires. E conseguiu: um sinal aqui, uma referência ali, um fugaz contacto acolá, um parente mais além. Assim se fica a conhecer melhor este poeta andarilho, os locais por onde passou, os amigos e parentes, as pessoas com quem conviveu.

Por aqui se fica a saber, por exemplo, que foi um homem de negócios, num negócio de família. Além, claro, de ter sido poeta latino, como poucos. Genuíno, como se romano tivera nascido. Caso raro, valha a verdade; ao contrário do que muitas vezes se apregoa, aos poetas do Humanismo renascentista sobra-lhes em valia técnica o que lhes escasseia em qualidade poética. Tresandam, não raro, a artifício e falta-lhes o golpe de asa que é feito de alma ou de coração. Talvez por não rirem, chorarem, amarem em Latim, quem sabe?



O nosso Diogo Pires, por força das circunstâncias ou do destino, privado que foi de pátria e forçado a ter em cada canto uma pátria, terá feito do latim a sua língua do quotidiano, que outra língua franca lhe não era fácil utilizar. Língua de cada dia; língua de poesia.

Assim se lhe sucederam as obras, sempre respeitadas, sempre saídas dos prelos das melhores tipografias, o que é, já em si mesmo, sinal de prestígio.

Retomemos, entretanto, o percurso de António Andrade, na senda do poeta que elegeu. Procurou seguir de perto, como se disse, a diáspora dos judeus portugueses, por entender – e bem – que Diogo Pires não devia desse movimento ser dissociado. Por isso dá particular atenção a alguns desses expatriados. A família Mendes-Benveniste, por exemplo: o famoso banqueiro português foi uma das personagens mais importantes da diáspora judaico-portuguesa e um dos mais influentes homens de finanças portugueses no séc. XVI; notoriedade reforçada, vale a pena recordá-lo, pela aura que envolveu a sua viúva, Beatriz de Luna, que, não há muitos anos, Catherine Clément tomou por protagonista do romance *A Senhora*.

Pioneiras são as revelações sobre a relação entre a família Pires-Cohen e a casa de Este, em Ferrara; pioneiras e surpreendentes, porquanto levam a uma leitura bem diferente da tão falada política de mecenatismo cultural dos Duques de Este e da sua proverbial tolerância em relação aos judeus. O velho Duque, afinal, aproveitou-se da família Pires e do seu património, de que a espoliou sem o menor escrúpulo.

Esta e tantas outras informações, reflexões, suspeitas abrem a porta a uma nova visão da diáspora judaico-portuguesa, mesmo depois da Inquisição. O que vale por dizer que este livro é, em si mesmo, um contributo de inegável importância para o estudo da história dos Judeus portugueses na Europa do século XVI. Sem que seja esse o objectivo central da obra, é, sem dúvida, um dos seus mais importantes legados, que deixa várias pistas abertas para novas e interessantes indagações.

Outro mérito, não menos relevante, é o que resulta do estudo pioneiro sobre o *Cato Minor*, obra central de Diogo Pires, e o seu enquadramento no contexto geral da poesia didáctica.

Filia-se este subgénero nos *Disticha Catonis*, colectânea de autor incerto e de enorme sucesso ao longo da Idade Média e, também, no Renascimento, posto que a outros géneros literários vá colher origens e influências. Ora, as reflexões aqui feitas a respeito da poesia didáctica têm, entre outros, o mérito de fazer o ponto da situação sobre o assunto e de melhor nos ajudarem a compreender a razão de ser da opção do poeta português e, já antes dele, por exemplo, de Erasmo.

Na apreciação da obra de Diogo Pires, segue António Andrade um rumo de estimulante hermenêutica: a organização temática. Pode ser discutível a selecção feita, mas nem por isso deixa de ser um precioso instrumento ao serviço do estudo do *Cato Minor* e do seu autor, mas também de uma certa história das mentalidades no século XVI.

A mulher e o amor, por exemplo: o poeta parece contraditório em relação à mulher e ao casamento, na medida em que se debate entre a visão epicurista de Virgílio, que dita a sua misoginia, ou a visão sarcástica de um poeta como Marcial, que imita, muitas vezes, quando deixa vir ao de cima a sua natureza satírica, sem renunciar, em certos momentos, a manifestações líricas muito próximas dos poetas de amor clássicos.

Mas outros temas merecem atenção especial: a justiça, a paz e a guerra, a política (*res publica*), a felicidade, a religião e a educação, para referir, apenas, as grandes áreas. A respeito de todos eles, o humanista eborense exprime, em versos breves e concisos, como era de regra na literatura sentenciosa, um juízo de valor, uma opinião, uma linha de rumo, uma reflexão arguta.

Ao adoptar a tradicional formulação da poesia didáctica, Diogo Pires nem por isso é menos inovador: não cede à diluição da presença do autor, como era normal neste tipo de colectâneas, confere lugar predominante ao subjectivismo e ao lirismo (duas faces da mesma moeda), revela enorme variedade temática e formal. Ou seja: o poeta lírico que assumidamente é não se apaga nem perde a sua identidade neste esforço de construção de uma obra diferente, de feição didáctica e moralizadora.

Ficamos a conhecer melhor, ao cabo da leitura deste excelente trabalho de António Andrade, um dos melhores poetas do Humanismo português que, infelizmente, tem passado quase despercebido entre nós; mas ficamos a conhecer, também, através do seu *Cato Minor*, um tipo de literatura que teve amplo sucesso desde a Antiguidade Clássica e a que o Renascimento conferiu, igualmente, lugar de amplo destaque; ficamos, ainda, a conhecer alguns episódios da diáspora judaico-portuguesa, esse movimento que tanto deu à cultura europeia a partir do século XVI.

Como sempre deve acontecer quando ao estudo da literatura nos dedicamos, não é um ciclo que nestas páginas se encerra, antes são muitos ciclos que, através delas, se abrem. O que nelas vai escrito estimulará, por certo, a novas indagações: sobre o poeta Diogo Pires, que bem o merece; sobre os portugueses em diáspora nessa Europa de Quinhentos; sobre o Humanismo renascentista português.

**Carlos Ascenso André**

## In Limine

A obra que agora vem a lume representa o corolário de alguns anos de dedicação apaixonada ao estudo da vida e obra de Diogo Pires, o talentoso poeta eborense que tive o privilégio de conhecer pela mão do Prof. Doutor Carlos Ascenso André.

Depois de apresentado como dissertação de doutoramento à Universidade de Aveiro, em 21 de Dezembro de 2005, no domínio da Literatura, o presente livro foi sujeito a uma revisão geral que teve em conta tanto as sugestões e reparos feitos pelos arguentes como a necessidade de proceder a correcções, aditamentos e melhoramentos com a consequente actualização documental e bibliográfica.

Este trabalho não teria sido possível sem o contributo decisivo prestado por várias pessoas, a quem desejo aqui manifestar publicamente o meu reconhecimento.

Ao Professor Doutor Américo da Costa Ramalho, com quem dei os meus primeiros passos nos caminhos do Humanismo Português e a cuja escola tenho a honra de pertencer, devo um agradecimento especial pelo apoio e incentivo com que sempre me distinguiu.

Ao Professor Doutor João Manuel Nunes Torráo, quero também dar testemunho da minha gratidão pelo acompanhamento, atenção e estímulo permanentes, que se revelaram verdadeiramente decisivos na execução deste projecto.

Aos Professores Doutores Aníbal Pinto de Castro, Aron di Leoni Leone, Herman Prins Salomon, Kiril Bahcevanziev, Maria do Rosário Morujão, Saul António Gomes, Telmo Verdelho, Vesna Miović, Vinicije B. Lupis e Virgínia Soares Pereira, estou grato pelas lições de saber, pelas indicações bibliográficas e documentais e, sobretudo, pelas manifestações de apoio e incentivo.

A mais expressiva prova de gratidão, cumpre-me dirigi-la ao Professor Doutor Carlos Ascenso André, profundo conhecedor da obra de Diogo Pires, que em boa hora me sugeriu o tema deste trabalho. Devo-lhe, em particular, a sua condução experiente e avisada pelos meandros do Humanismo Português de Quinhentos, de que possui um vasto saber e experiência, e também a confiança que em mim depositou desde a primeira hora.

Aveiro, 12 de Julho de 2011

António Andrade



## INTRODUÇÃO

Diogo Pires publicou na última década de Quinhentos, em Veneza, aquela que pode ser justamente considerada a sua obra-prima: uma extensa colectânea poética, em língua latina, intitulada *Cato Minor siue Disticha Moralia*. O poeta eborense, já nos últimos anos de vida, dedicou o seu livro aos mestres-escola de Lisboa, a capital da sua querida pátria que há muitos anos o vira partir para sempre.

O trabalho que nos propomos apresentar, como fica expresso no próprio título, assenta no estudo específico desta obra poética, à luz das relações privilegiadas que ela mantém, quer com a pedagogia humanista, quer com a antiga tradição do uso da poesia como instrumento pedagógico-didáctico, mormente na formação ética e linguística da juventude.

A poesia e a didáctica estabeleceram desde tempos recuados uma relação simbiótica que fez do texto poético um dos instrumentos mais adequados ao processo educativo e nele utilizados. A associação íntima entre poesia e educação corresponde a uma realidade bem palpável no mundo greco-latino, que perdurou ao longo dos tempos e foi recuperada, em toda a sua plenitude, pelos humanistas.

Torna-se necessário, por isso, reflectir sobre a natureza desta relação privilegiada e sobre as formas principais, como ela se manifestou desde a Antiguidade até ao Renascimento. O valor moral e educativo comumente reconhecido à poesia, a que não será estranha a antiga concepção do poeta como alguém possuidor de inspiração divina e acesso privilegiado ao conhecimento, subjaz ao estabelecimento de um género literário em que criação poética e intenção didáctica dão corpo a um tipo muito particular de composição: o poema didáctico.

Deve notar-se, porém, que a utilização da poesia enquanto instrumento educativo tem um âmbito muito mais alargado do que o género específico da poesia didáctica, abarcando inclusivamente, a um nível mais lato, o uso abrangente que sempre se fez da obra dos poetas na educação.

Não obstante o privilégio concedido desde tempos recuados ao texto poético como instrumento de ensino, afigura-se-nos por demais evidente que esta prática recorrente e prolongada se consubstancia, muito particularmente, na utilização de um tipo peculiar de

texto no processo educativo: o enunciado proverbial-sentencioso. Por conseguinte, não podia deixar de merecer a nossa atenção o estudo aprofundado da chamada literatura de sentenças, pela enorme importância que sempre adquiriu no processo educativo. É, pois, este um dos objectos principais do nosso trabalho, sobretudo nos exemplos assaz frequentes em que estes textos apresentam forma poética.

A literatura de sentenças integra-se, em certa medida, no quadro da poesia didáctica de carácter filosófico-moral, compartilhando com ela algumas características, das quais a mais saliente é, sem dúvida, a marcada intenção didáctica de ambos os textos. Os enunciados de tipo proverbial-sentencioso, que assumem, não raras vezes, forma versificada, são colhidos, com frequência, de múltiplas fontes e organizados em colectâneas, que constituem, indiscutivelmente, algumas das obras com maior divulgação desde o mundo greco-latino até ao século XVI.

À luz destes pressupostos, estruturámos o trabalho em três partes distintas, das quais a primeira terá um cariz marcadamente biográfico. De facto, não obstante toda a investigação que tem sido dedicada, até à presente data, ao estudo de Diogo Pires, a verdade é que inúmeros aspectos da sua vida e obra continuam a ter contornos pouco claros. Os poucos elementos conhecidos sobre a família, as actividades, as relações, as deambulações, em suma, sobre o próprio autor fundavam-se, em grande medida, em testemunhos que o poeta faculta na sua obra.

Por conseguinte, entendemos ser bastante proveitoso e oportuno traçar um renovado esboço da biografia de Diogo Pires, naquele que pretende ser um contributo válido para uma melhor compreensão do importante papel dos judeus portugueses, em geral, e da família eborense Pires-Cohen, em particular, nos meandros do complexo xadrez político-económico e religioso da Europa do século XVI. Aí se estabelecem novos dados para o conhecimento da biografia deste ilustre humanista português e para a compreensão do que era a intrincada teia da comunidade judaica em diáspora. Porque esse foi um trabalho não realizado, até agora, pelos vários biógrafos e estudiosos de Diogo Pires, ele mereceu, da nossa parte, uma atenção muito especial e prolongada, como se verá.

No tocante ao poeta eborense, é nossa intenção proceder, em concreto, ao esclarecimento de muitos aspectos que estavam, até agora, obscuros. Na verdade, o papel desempenhado pelos judeus portugueses e pelo próprio Diogo Pires adquire, em nosso

entender, uma importância inegável para a compreensão do Humanismo português e sobretudo das relações únicas que este estabeleceu com o vasto espaço cultural da Europa de Quinhentos.

O *Cato Minor siue Disticha Moralia* representa um exemplo deveras significativo e original, no âmbito da literatura de sentenças do Humanismo português, de uma colectânea poética de tipo proverbial-sentencioso, com uma intenção marcadamente educativa. Procedemos, por isso, na segunda parte do trabalho, à análise das relações privilegiadas que se estabelecem entre poesia e didáctica, desde a Antiguidade Clássica até ao Renascimento. Dada a importância incontornável que o enunciado proverbial-sentencioso assume nesta relação, concede-se uma ênfase particular ao estudo das colectâneas deste tipo de textos do mundo greco-latino, que constituem, naturalmente, o lastro no qual se funda a obra do humanista português. Em razão disso, merecerão da nossa parte um tratamento mais aprofundado os *Disticha Catonis* e as *Sententiae* de Publílio Siro, que são dois exemplos paradigmáticos deste género.

Os textos dos humanistas são, como se sabe, profundamente devedores aos autores clássicos; por isso, muitos dos estudos que lhes são consagrados dedicam particular atenção à crítica de fontes. Muito embora se reconheça a pertinência desse tipo de análise, não foi essa a nossa opção, na medida em que uma tal via nos afastaria consideravelmente do objectivo a que nos propusemos.

Muito importante se revela também, por outro lado, a questão da recepção, da criação e da utilização de colectâneas de textos proverbiais e sentenciosos, no quadro da prática e da teoria da pedagogia humanista. Assim, impõe-se como necessária uma análise das colectâneas mais significativas no Renascimento, embora se tenha procurado privilegiar, por motivos compreensíveis, as recolhas em língua latina, no Portugal de Quinhentos.

A última parte do nosso estudo será inteiramente dedicada à análise específica do *Cato Minor siue Disticha Moralia* de Diogo Pires. Não deixará de se abordar a questão das circunstâncias que estiveram na génese desta obra e de se proceder ao estudo comparativo das duas edições venezianas, com a necessária descrição do conteúdo das várias e distintas partes do livro.

Convém, desde já, deixar bem claro que, não obstante ser nosso propósito abarcar, no trabalho ora apresentado, todas as partes da extensa colectânea poética, serão apenas dois os conjuntos que merecerão um estudo mais exaustivo. Deste modo, será dada, evidentemente, uma atenção muito especial à colectânea poética dos *Disticha Moralia*, bem como aos *Carmina Moralia*, que lhe deram seguimento.

Referimo-nos, de forma objectiva, tanto ao conjunto inaugural dos *Moralium distichorum libri III*, que se encontra na origem do livro, como fica bem patente, desde logo, no próprio título – *Cato Minor siue Disticha Moralia*, como também à parte mais extensa e diversificada da obra, a colectânea dos *Epigrammatum partim moralium et partim non moralium libri III*. Este capítulo parece ter sido, no plano inicial do autor, um conjunto coerente e organizado de *carmina moralia*, que dava continuidade ao capítulo inicial dos dísticos morais.

A análise dos temas dominantes dos *Moralium distichorum libri III* e dos *Epigrammatum partim moralium et partim non moralium libri III* (neste último caso, atendemos sobretudo às composições de natureza eminentemente moral e didáctica) ocupa uma posição central nesta parte do trabalho, em que se procede ao estudo dos temas considerados mais representativos: educação, costumes e moral, felicidade, a mulher e o amor, religião e *Res publica*.

Procura reflectir-se, ainda, sobre as características individualizadoras do didactismo do *Cato Minor siue Disticha Moralia*, que permitem inscrever esta obra no quadro da antiga tradição da poesia didáctica, em particular da utilização específica do enunciado proverbial-sentencioso como instrumento de ensino por excelência.

A despeito da filiação da colectânea poética no género em que obviamente se insere, não é possível deixar de assinalar, de outro modo, as marcas próprias e distintivas que revelam, em determinados aspectos, a ruptura com a tradição e que fazem desta obra do poeta eborense um exemplo realmente significativo, no âmbito da poesia novilatina e da literatura de sentenças do Humanismo português e europeu.

Convirá, também, esclarecer alguns aspectos de pormenor sobre a metodologia utilizada na selecção e apresentação dos textos. Ao longo do trabalho, faremos uso de inúmeros textos que se encontram, na maior parte das vezes, em latim. Por regra, proceder-se-á à transcrição do texto original, seguido da respectiva versão portuguesa, que é da



nossa autoria, com a excepção dos casos devidamente assinalados. Tomamos a opção, meramente formal, de apresentar em verso a nossa tradução dos poemas latinos, por forma a facilitar o cotejo com a versão original.

Na transcrição dos textos latinos, adoptamos, no respeitante à grafia e à pontuação, os critérios mais em uso na edição moderna de textos clássicos, nomeadamente na colecção *Les Belles Lettres* de que, aliás, nos serviremos, regra geral, sempre que for necessário citar fontes greco-latinas<sup>1</sup>.

Importa, por último, prestar um esclarecimento adicional sobre as opções tomadas na edição e citação dos textos pertencentes ao *Cato Minor siue Disticha Moralia*, a obra que se constitui como objecto principal do nosso trabalho. Assim, transcrevem-se os textos utilizados, a não ser em situações muito pontuais e devidamente ressalvadas, a partir da segunda edição veneziana, publicada em 1596, por ser mais completa e organizada.

O *Cato Minor* subdivide-se em 11 partes distintas, das quais a primeira – *Moralium distichorum libri III* – será objecto de uma análise mais pormenorizada da nossa parte. É conveniente assinalar, por conseguinte, a forma diferenciada como serão citados os dísticos morais dos três livros e do apêndice final. Em relação aos dísticos de cada um dos três livros independentes, indicar-se-á apenas o livro e os versos respectivos (*e. g. Disticha Moralia* 1.1-2); sempre que se referir um dístico pertencente ao apêndice final que foi publicado entre as páginas 38 e 41, nesse caso, menciona-se o número da página e dos versos (*e. g. Disticha Moralia*, p. 38, 15-16). No que toca às restantes composições de qualquer das outras partes do *Cato Minor*, procede-se sempre à simples indicação da página em que se encontram – *e. g. Cato Minor* (1596), 56.

---

<sup>1</sup> Veja-se a pormenorização dos critérios em S. T. PINHO (1987), 255-262.



FLAVII IACOBI  
EBORENSIS  
CATO MINOR,

SIVE DYSTICHA MORALIA  
ad Ludimagistros Olyssipponenses:

ACCESSERE NOVA EPIGRAMMATA;  
& alia nonnulla eodem Auctore.

*Opus pium, & erudiendis pueris ad  
prime necessarium.*



---

VENETIIS,  
Sub signum Leonis. M D XCII.

FRONTISPÍCIO DA EDITIO PRINCEPS DO CATO MINOR DE DIOGO PIRES



**JOANA DE ÁUSTRIA NA COMPANHIA DE SEU FILHO FILIPPO COSIMO, O DESTINATÁRIO  
INICIAL DO *CATO MINOR SIVE DISTICHA MORALIA*<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Retrato de autor desconhecido, pertencente à coleção da *Galleria degli Uffizi*, em Florença. Aproveitamos o ensejo para agradecer a ajuda inestimável prestada por Maïke Vogt-Lüerssen, investigadora dedicada ao estudo da história da arte, da cultura e da mulher, em particular na Idade Média e Renascimento, na selecção e identificação deste e de outros retratos dos Medici (veja-se o excelente sítio desta historiadora – <http://www.asn-ibk.ac.at/bildung/faecher/geschichte/maike/geschichte.html>).